

SEGUNDO O DEPUTADO FEDERAL ANTÔNIO ROBERTO, QUANDO HÁ INTERESSES ENVOLVIDOS DECISÕES POLÍTICAS SÃO MAIS BUROCRÁTICAS

# ‘O sistema favorece o poderoso, o sistema favorece o corrupto’

por FERNANDA MARTINI,  
fernanda@drd.com.br

Exercendo seu segundo mandato à frente da Câmara Federal, o deputado Antônio Roberto Soares (PV-MG) esteve em Governador Valadares na última semana, para participar da inauguração do Complexo Esportivo e de Lazer no bairro Altinópolis — empreendimento ao qual destinou verba de R\$ 700 mil, por meio de uma Emenda Parlamentar de sua autoria. Em entrevista exclusiva ao **DIÁRIO DO RIO DOCE**, o deputado ressaltou a importância do Complexo para o município e destacou que o esporte, além “de ser uma forma de inclusão, afasta as crianças e adolescentes da marginalidade”.

O deputado confirmou sua pretensão de destinar mais recursos para Valadares. Antônio Roberto comentou ainda as estratégias do Partido Verde (PV) para as próximas eleições e afirmou que em alguns municípios a sigla terá candidato próprio à prefeitura. Falou também da importância da sustentabilidade e sobre a votação do texto do novo Código Florestal. Confira a entrevista na íntegra.

**DIÁRIO DO RIO DOCE — Conte-nos um pouco sobre seu histórico profissional. O senhor é psicólogo?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Não. Eu fiz Filosofia, Direito, Administração de Empresas e me especializei em Psicologia.

**DRD — O sr. falou que é de origem pobre. Como foi sua infância?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Nasci no Norte de Minas, de uma família extremamente pobre. Meu pai já tinha morrido e minha mãe era servente de grupo. Então foi tudo muito difícil. E quando eu estava com 11 anos, vi que a única forma que eu teria para estudar era se eu fosse para alguma instituição que me pagasse tudo. Então eu fui para o Seminário e fiquei uns 8 a 9 anos no Seminário, que me deu uma base cultural imensa. O Seminário naquela época tinha um estudo muito forte. Para se ter uma ideia, com 14 anos estudava grego numa gramática francesa. Com 14 anos eu tinha que saber falar francês para estudar grego. As provas de Filosofia e Teologia eram tudo em latim, a escrita e a oral. Com 17 anos fazia prova em latim falando sobre Platão e Aristóteles. Sai de lá e, ainda com muita dificuldade, fui para Belo Horizonte e tirei o segundo lugar numa faculdade, terceiro lugar na federal e comecei minha vida. Mas não perco o significado nem o sentido da pobreza. Não falo teoricamente. Eu sei o que a pessoa sente, por isso minha dedicação muito grande com essa classe, de uma maneira estrutural.

**DRD — Como surgiu o interesse pela política?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Como eu já vinha desenvolvendo um trabalho na área humana, que é o meu programa de televisão, sobre comportamento humano e as relações, fui sempre para o caminho voltado à questão humanista e a questão da qualidade de vida. Eu imaginei que como eu já estava muito conhecido,

com a oportunidade e um pouco mais de poder poderia continuar o trabalho que vinha fazendo. Mas de uma maneira mais coletiva e mais institucional. Realmente isso tem acontecido. Porque no meu mandato, inclusive, eu tenho me dedicado muito às questões humanas, de direitos humanos, defesa da mulher, da criança, do adolescente, igualdade racial. Sobre a questão emocional nas escolas, a questão emocional com a mulher grávida, uma série de projetos nesse mesmo caminho. Então, por isso que eu entrei na política, com a ideia de que eu poderia ampliar o que eu já vinha fazendo.

**DRD — Pretende exercer alguma outra função sem ser na Câmara Federal?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Na penúltima eleição eu fui o deputado mais votado de Belo Horizonte. Tive quase 100 mil votos só dentro da Capital. Com isso, fui um sério candidato à prefeitura. Havia toda a chance de

para reeleição. Em alguns lugares vamos lançar candidatos. Em Belo Horizonte também, contra a minha vontade, vão lançar candidato. Nos lugares onde não tem a possibilidade de fazer bonito, de crescer ou de ganhar, nós iremos apoiar alguém que realmente represente o que seja mais próximo da linha do partido, que é uma linha humana e uma linha ambiental. Na última eleição nós apoiamos em Valadares a prefeita Elisa [Costa], tanto que já tem uma secretaria que o presidente [regional] do partido faz parte. Temos o [Jeremias] Brito, como vice-prefeito, que hoje está no PSL mas foi um dos pioneiros do PV no município, e o vereador Glêdston Araújo [que deixou o PV para se filiar ao PT]. Nós apoiamos, mas o próprio partido é que entrará em conversa com ela [a prefeita] e com outros candidatos para ver quem vamos apoiar. A tendência maior aqui na região é apoiar ela [Elisa]. Na medida em que trabalhamos juntos, tive-

**O DEPUTADO** federal esteve na cidade na última semana, para inaugurar complexo esportivo no Altinópolis, o qual recebeu R\$ 700 mil de emenda de Antônio Roberto

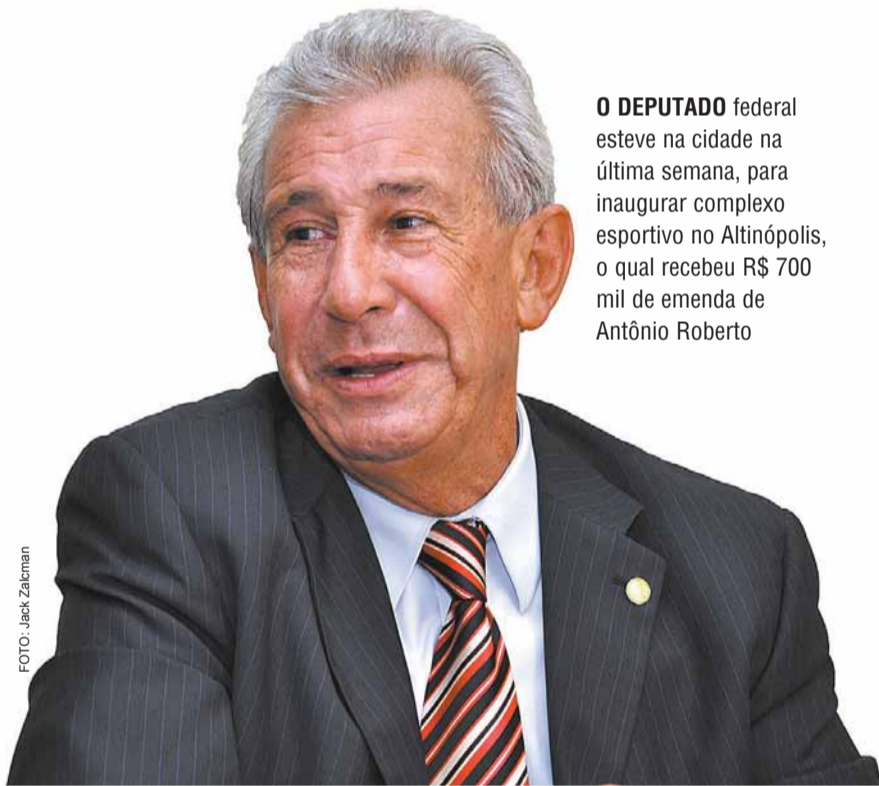


FOTO: Jack Zakman

ser prefeito de BH, mas não me empolga muito sair do Legislativo e entrar no Executivo. Porque na minha visão, política não é carreira. Estou aproveitando um espaço, sobretudo no Legislativo, para legislar em torno dessas questões, trabalhar para a sociedade. Quer dizer, não tenho essa pretensão política, como a maioria dos políticos tradicionais. Tanto que eu não tenho nenhum prefeito comigo. Não é uma carreira. A minha pretensão é novamente me candidatar a deputado federal na próxima eleição e, provavelmente, será a última.

**DRD — Depois se aposenta?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Aposentar não. Por que o trabalho não permite.

**DRD — Estamos em um ano eleitoral, quais são as estratégias do PV nas cidades e, principalmente, na região de Valadares? Como estão as conversas?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Como um todo é o seguinte: naqueles lugares onde houver uma possibilidade de termos candidatos próprios e que represente um avanço para o partido e não fazer feio, nesses lugares a gente teria candidato. Tem alguns lugares, como João Monlevade, onde nosso prefeito já é do PV, então vai

mos juntos e estamos fazendo parte do governo.

**DRD — O senhor obteve poucos votos aqui em Valadares. E embora tenha tido essa pequena representação, destinou a verba de R\$ 700 mil para o município. Por quê?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Sim. Tive relativamente poucos. Foram uns 900 e poucos votos. Mas também não fiz campanha aqui. Não fiz trabalho nenhum. E eles [Brito e Glêdston] vão trabalhar para mim agora. Porque nas outras [eleições] não trabalharam. [Destinei a verba] justamente porque o vice-prefeito e a prefeita foram lá e me pediram. Falaram para onde seria destinado: no caso, um conjunto esportivo. E eu sei da importância do esporte hoje para os adolescentes e crianças, para tirar até da marginalidade. Porque o esporte é uma forma de inclusão. Então, perguntei quanto era preciso, e isso aconteceu no último dia da Emenda [Parlamentar]. E ele me falou que eram R\$ 500 mil. Falei que era pouco e destinei R\$ 700 mil. E no dia 28 de janeiro foi inaugurado.

**DRD — O senhor veio especificamente para a inauguração?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Vim para a inauguração e para contar para o

povo que eu arrumei essa emenda. Nada mais do que justo eu falar que ajudei a cidade.

**DRD — O senhor acredita que o esporte tira as pessoas da marginalidade?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — É porque a juventude, ou qualquer pessoa quando não está inserida no mercado de trabalho, está com dificuldade no estudo. Ou seja, não tem uma forma de estar com um grupo mais sadio. A tendência é caminhar, principalmente o pessoal de origem mais pobre, para a marginalidade, criminalidade, drogas. Então, uma forma de inclusão do jovem é por meio do esporte, da cultura e da arte. Tenho dado uma ênfase muito grande tanto ao esporte quanto à cultura. Tenho feito vários incentivos culturais, inclusive muitos para o Vale do Jequitinhonha, porque essa é uma forma de integrar realmente. Com o tempo que a criança vai se dedicar ao esporte, ela começa a ter um gosto especial pelo lado bonito da vida, pelo desenvolvimento; a autoestima aumenta a saúde. Eu vim de uma origem muito pobre; minha mãe era servente de grupo escolar, o maior cargo que ela teve na vida foi esse. Então, sei como que é vivenciar a pobreza, a baixa autoestima. Daí, para ser o líder da quadrilha, aparecer no jornal preso pelo crack é o máximo a que pode aspirar. E o Brasil e Governador Valadares têm uma vocação para esportista. Então, o ideal é realmente inserir a inclusão e desenvolver a pessoa por meio do esporte.

**DRD — O senhor tem pretensão de destinar mais recursos para a região?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Eles me pedem. O próprio Brito, o vereador Glêdston e o Júlio Avelar [Secretário Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento], que é o nosso presidente regional do PV, todos me falaram isso hoje: precisa mandar mais verba. E eu disse para eles que sim, com certeza.

**DRD — Voltando para as eleições. Qual será o mote da campanha do PV neste ano?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Ainda não definimos toda a estratégia. Mas nosso negócio seria o crescimento do partido. E a consolidação. Porque o que era uma bandeira só do partido, é do mundo inteiro. Vamos ter agora o Rio + 20 com os líderes do mundo. Há dois meses eu estava com o Bill Clinton em Nova York, discutindo a economia verde. Agora, o nosso negócio seria consolidar, no sentido de um aumento, para ter mais poder realmente.

**DRD — A sustentabilidade está muito em foco. O senhor acredita que isso pode ser atribuído um pouco ao PV, que começou a falar sobre esse tema, o qual antes não era tão discutido?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Com certeza. E o grande problema hoje, o grande desafio é juntar o desenvolvimento com a questão ambiental. Cada coisa separada é muito comum e normal. O ruralista que faz o Código Florestal e desmata o país inteiro só quer dinheiro e ganhar. E o ambientalista sonhador, fora da realidade,

xiita, abraçando árvore e chorando no Dia das Flores. Dizer isso é fácil. O difícil é como vamos fazer o novo modelo de sustentabilidade. O novo modelo econômico que contemple sabiamente e até financeiramente a questão ambiental. Até por uma questão de perspectiva financeira, é burrice acabar com aquilo que eu tenho. Se tenho uma ovelha, é melhor tosquar todo dia do que tirar a pele e matar a ovelha.

**DRD — Outro ponto muito discutido é o Código Florestal. A gente vê os vetos e aprovações ao texto. Como está essa negociação?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Foi uma lástima! O texto que saiu da Câmara [Federal] foi uma vitória acachapante, uma vitória arrasadora da classe rural. O Código não deveria se chamar Florestal. É um código ruralista, agropecuário. Um código realmente próprio para os interesses. E tem coisas escabrosas, tipo eu vou anistiar pessoas que cometeram crimes ambientais e, de repente, essas pessoas que cometeram crimes ambientais são empresas que financiam a campanha da maioria dos deputados. Nós perdemos, e de Minas Gerais, o único deputado federal que votou contra o Código fui eu. Para se ter uma ideia, são 53, só eu votei contra. Depois foi para o Senado e lá começou a luta. Houve pequenas concessões, melhorou um pouco o texto, mas ainda nada ideal. Mas nossa esperança é que a [Presidenta] Dilma [Rousseff] veto o Código. Essa era nossa esperança. O problema é que o Aldo Rebelo, que é o relator do Código, foi escolhido ministro.

**DRD — A política acaba atrapalhando quando há interesses envolvidos?**

**ANTÔNIO ROBERTO** — Na verdade, o que há é o seguinte: você tem a política e “política”. Isso aqui é política, onde estou é política, o tempo todo somos política, e estamos fazendo política. Essa é a inevitável forma de conversar, conciliar, dialogar. Como o nível de consciência política no país é pequeno, acaba que os interesses maiores, pessoais, institucionais sobressaem. Quer dizer, o sistema favorece o poderoso, o sistema favorece o corrupto, o sistema é corrupto. E essa ênfase no indivíduo que a imprensa faz e que alguns caciques da política fazem, que o problema é de fulano e beltrano, e o povo repete isso, é um grande desserviço. Por exemplo, por que há uma luta dos partidos para nomear o presidente de Furnas? Para o cara ir lá e trabalhar? Não é! Tanto que eles falam claramente que aquele cargo é mais importante porque são tantos milhões de faturamento. Uma luta por um segundo escalão, é claro que é para roubar. Então o negócio é o seguinte: estruturalmente não se pode nomear parentes e pessoas para essas empresas, a não ser um cara de carreira na própria empresa. Quantos técnicos competentes tem dentro da Petrobras, de Furnas? No entanto, nomeiam um cara político, que não entende nada. Mas não têm nenhum esforço em mudar o sistema. O negócio é punir, e acaba não punindo, porque o sistema protege.